

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

### GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

#### MUSEU DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: CONVERSAÇÕES SOBRE MUSEALIZAÇÃO

Rosangela Marques de Britto (Universidade Federal do Pará)

#### *MUSEUM OF THE FEDERAL STATE OF PARÁ: TALKS ABOUT THE MUSEALISATION*

#### Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

**Resumo:** Esta comunicação apresenta parte da pesquisa de tese da autora, no arranjo teórico-empírico propondo aproximação do campo da Antropologia ao da Museologia e Patrimônio, enfatizando o processo de musealização do “Palacete Augusto Montenegro” e a criação do Museu da Universidade Federal do Pará em 1984, sediado na edificação histórica. A abordagem enfoca dois pontos: a biografia cultural do patrimônio musealizado e constituição da rede de interlocutores da pesquisa realizada. O instrumental metodológico alinha-se à abordagem etnográfica de natureza qualitativa, cujo trabalho de campo baseia-se na observação participante, gravação e transcrição de entrevistas, depoimentos, relatos, registros fotográficos, audiovisuais e cartográficos, além de fontes bibliográficas e documentais. O objetivo do estudo centrou-se na análise das representações e formas de praticar o espaço urbano do bairro de Nazaré, em Belém do Pará, na região norte do Brasil. O objeto de pesquisa pauta-se nos itinerários urbanos de deslocamentos das pessoas em suas práticas culturais e espaciais cotidianas ao andar, trabalhar, morar e vivenciar o tempo livre e de lazer nas ruas do bairro. A rede de conversação/interlocutores da pesquisa foi composta por sujeitos/grupos sociais urbanos ou habitués que circulam e praticam o espaço do Museu Universitário de várias formas. Nas considerações finais ressalto a importância dos estudos do patrimônio musealizado na dimensão do cotidiano entendendo o patrimônio na concepção integral (tangível e intangível) e polissêmica.

**Palavras-chave:** Patrimônio Histórico Musealizado; Grupos Sociais Urbanos; Rede de Conversação.

**Abstract:** Presentation part of the thesis of the communicator, highlighting the process of musealisation of the Palace Augusto Montenegro and the creation in 1984 in this historical building of the Museum of the Federal State of Pará. The communication focuses on the theoretical and empirical arrangement of research conducted between 2010-2014 as part of anthropology in proximity to the field of museology and heritage. This communication deals with two points: a cultural biography of the musealized heritage and the methodological arrangement of constitution of the network of interlocutors of an ethnographic qualitative research, applied the method of participant observation, interview and the photographic record and sound. The objective of this study focused on the analysis of representations and ways to practice urban space in the neighborhood of Nazareth, in Belém do Pará, in northern Brazil. The object of research deals with the urban itineraries of offsets of the people in their cultural practices and everyday space walking, working, living and experiencing their free time and leisure activities in the urban space of the streets of the neighborhood of Nazareth. The network of informants/speaking of research was composed

by different subject/urban social groups or regulars that circulate around the Museum of the Federal State of Pará (MUFPA) or who practice this space in various ways. In the final considerations rebound the importance of the musealized heritage studies in the dimension of everyday understanding full design heritage (tangible and intangible) and polysemic.

**Keywords:** Musealized Historic Heritage; Urban Social Space Groups; Conversation Networks.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho apresenta parte do corpus da tese<sup>1</sup> de Britto (2014) filiada ao doutorado em Antropologia Social, o arranjo teórico-empírico da pesquisa aproxima e tenciona o campo da Antropologia ao da Museologia e Patrimônio. O objeto de estudo pauta-se nos relatos de memória dos indivíduos/grupos urbanos, nos itinerários de deslocamento em suas experiências cotidianas nas práticas culturais e espaciais nas formas de trabalhar, caminhar, morar e vivenciar o tempo livre e de lazer no espaço urbano das ruas do bairro de Nazaré, na cidade de Belém do Pará, Região Norte do Brasil. Nas suas itinerâncias urbanas e vivências cotidianas as pessoas transformam os espaços do bairro em “lugares praticados”, carregados de memórias e de sociabilidades, seguindo Michel de Certeau (2008a, p.202).

Nesta perspectiva, a área geométrica da rua definida pelo urbanista transforma-se em um espaço do bairro como lugar vivido, por suas práticas de sociabilidades e pelos relatos de memória sobre as experiências de uso das formas urbanas ali presentes. Essas ações também são interpretadas como experiências particulares que articulam determinados territórios urbanos (ruas, casas, museus, praças, mercado, dentre outros) a partir das “províncias de significados” (SCHUTZ, 2012) de seus atores sociais. Alfred Schutz (2012) reporta-se aos significados subjetivos da participação de uma pessoa em sua sociedade, que brotam dos empreendimentos da conduta de qualquer indivíduo no mundo da vida. Neste universo vivido existem várias situações vivenciadas entre indivíduos que se encontram em momentos biograficamente determinados, ou seja, relacionados aos seus projetos individuais e coletivos.

A metodologia integra as diretrizes da pesquisa etnográfica, de natureza qualitativa, pautada na observação participante<sup>2</sup>. O instrumental aplicado engloba a entrevista

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada entre 2010-2014, como aporte à tese da autora, defendida em 2014 junto ao Programa Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>2</sup> Observação participante, método de pesquisa da Antropologia, em que o pesquisador se posiciona na condição de observador nos atos de olhar, ouvir e escrever em diários de campo.

semiestruturada e os registros fotográfico e sonoro. Na abordagem teórico-empírica, compreendo, os itinerários das ruas do bairro de Nazaré como fragmentos espaciais e descontinuidades temporais desta cidade polifônica, em que a ordem das operações ou atos de ser e estar no cotidiano das ruas do bairro se processa com a incorporação dos atores sociais nos tecidos urbanos que são ambientes de suas vivências e experiências na urbe.

A proposta geral da pesquisa busca articular uma geografia poética do espaço e da arquitetura materializada e transformada em museu, a partir da atribuição de valores ao patrimônio, constituído, literalmente, por uma geografia, dos indivíduos e grupos sociais urbanos. Essa geografia configura-se através dos relatos de memória dos lugares de significados e sentidos no cotidiano das ruas e do bairro, nos múltiplos e heterogêneos espaços de moradias, comércios, serviços e de lazer (museus) que integram as diversas redes de consumo cultural na cidade de Belém.

Este patrimônio histórico<sup>3</sup> musealizado no meio urbano, em geral apresenta-se como resultado da política estatal de preservação da memória e do patrimônio internacional, nacional e regional, relacionado aos processos diferenciados de “patrimonialização” e de “musealização” dos bens culturais tangíveis e intangíveis. Os museus instalados em prédios de valor histórico adaptados para esta função ou em edificações constituídas para tal fim representam lugares de múltiplas práticas e saberes, envolvendo profissionais de diversas áreas do conhecimento. As edificações arquitetônicas de museus no ambiente urbano são espaços de socialização e de aprendizagem, produtores e indutores de significados e sentidos de diversas temáticas, como também são espaços ligados a uma rede de produção, circulação e consumo artístico, estético, cultural, científico e filosófico.

O museu é uma instituição social. A noção de instituição como fenômeno social, segundo Émile Durkheim (2007), implica maneiras de fazer, de sentir e pensar, que são dotados de um poder de coerção. A noção de coerção está relacionada, em parte, a uma imposição das ideias e tendências da instituição, portanto, não sendo elaboradas por nós, mas impondo-se no coletivo. Durkheim diferencia o poder de coerção em dois tipos: o interno e o externo ao fenômeno social. O externo está relacionado a uma maneira de fazer, fixada ou não. Como exemplo, as normatizações jurídicas e outras; o poder de coerção

---

<sup>3</sup> A biografia sobre patrimônio é ampla e não cabe no escopo desse texto. Porém, filio-me aos estudos correlatos no campo da Museologia e Patrimônio, conforme o grupo de pesquisa Museologia e Patrimônio cadastrado no CNPq/Ministério da Ciência Tecnologia, Inovação e Comunicação.

interno não se deixa perceber tão bem – é uma força invisível, mas se associa à anterior. Neste sentido, os museus como fenômenos sociais e culturais exercem um enorme “poder simbólico” (BOURDIEU, 2007) no espaço urbano. Trata-se de um poder invisível, um capital de negociação da economia das trocas simbólicas em que a cultura representada por sinais distintivos de civilização configura os símbolos de um determinado segmento da sociedade belenense.

Os museus implantados em prédios tombados pelo patrimônio histórico em Belém obras arquitetônicas do século XVIII, XIX e início do XX, como o caso do Museu da Universidade Federal do Pará - MUFPA. Estas edificações dos museus representam lugares de disputa entre o moderno e o antigo, envolvendo uma querela patrimonial. Todavia, quando se pensa em seu uso público nos espaços urbanos dos bairros, elas são polos importantes de produção de sentidos e significações socioculturais e de memória coletiva no contexto das cidades da Amazônia especialmente em Belém.

Mas, até que ponto eles são, de fato, espaços de sociabilidades urbanas? O que significam esses patrimônios culturais musealizados nos bairros da cidade de Belém para os *habitués* que praticam os seus entornos? Qual a ideia de patrimônio cultural musealizado presente no bairro de Nazaré, a partir das narrativas sobre o cotidiano das ruas, de seus trabalhadores, moradores e frequentadores do MUFPA?

A musealização é um processo científico que compreende um conjunto de atividades do museu, envolvendo o trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (documentação e catalogação) e de comunicação (exposição, educação e outros meios de difusão). O patrimônio cultural musealizado pode ser considerado materialmente como o passado tangível (prédio histórico ou patrimônio histórico) que foi convertido em museu. Ademais, o ato de musealizar o patrimônio cultural, compreendido como processo, me permite afirmar, em acordo com Mathilde Bellailgue (1992), que a teoria museológica é elaborada a partir da prática museal, segundo a qual o museu é o laboratório da museologia e, por sua vez, tem o seu material de experimento no real. O real, no museu, é representado pelo objeto, compreendido em seu sentido amplo: como tangível e intangível, podendo ser comparado às duas faces de uma moeda, que se complementam.

A Figura 1 apresenta o lócus da pesquisa: o MUFPA e os cenários comportamentais dos grupos sociais urbanos compostos pelos trabalhadores de rua situados na “esquina” ou cruzamento das ruas onde se localiza o museu, dentre os ofícios e serviços, de sapateiro

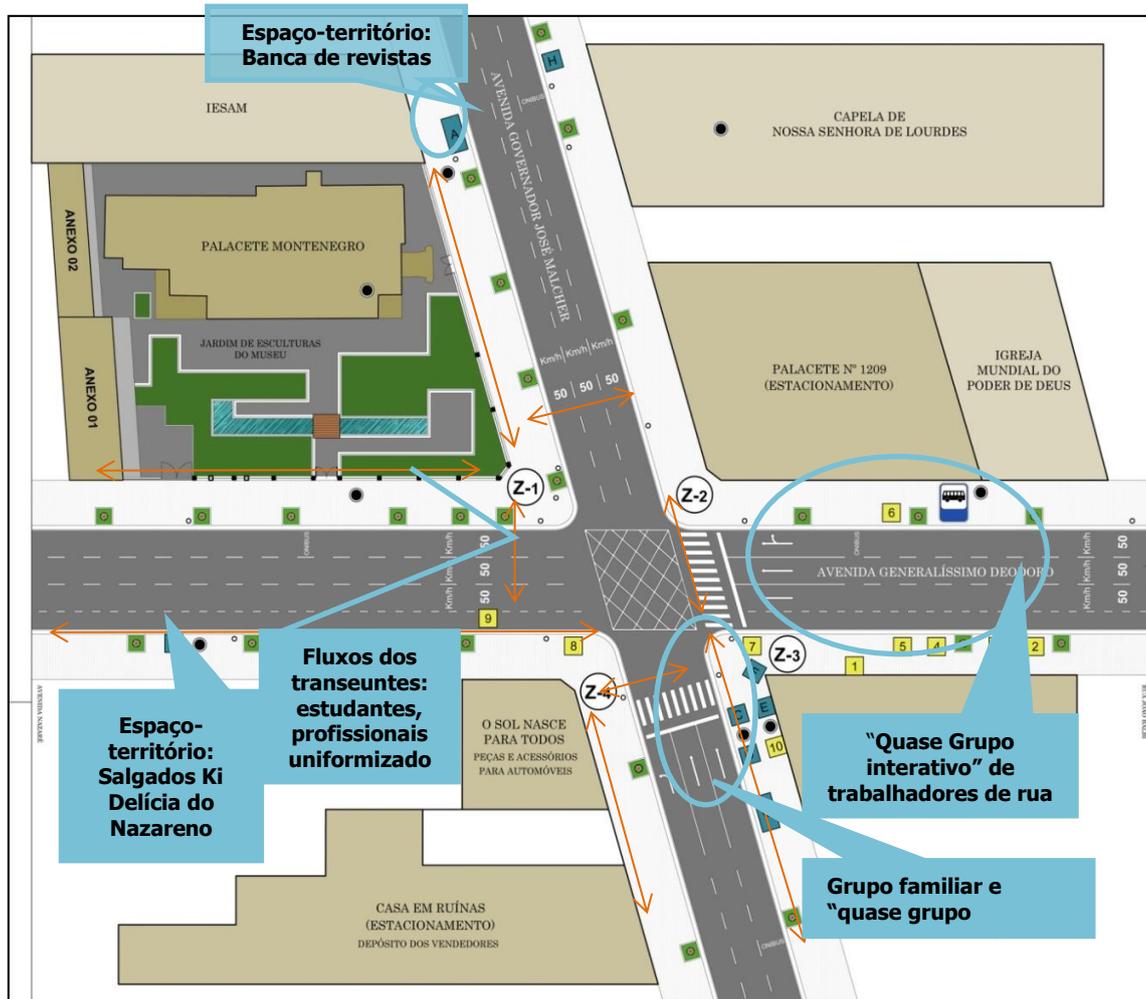
(Zeca), relojoeiro (Ribamar), vendedor de doces e castanha-do-pará (Bené), vendedor de pastel (Nazareno) e o proprietário da banca de revista (Moisés). Na seção 3 apresento as redes de conversações traçadas com os personagens/interlocutores da pesquisa, ao descrever o cronótopo<sup>4</sup> do cotidiano nas “esquinas” diuturnamente (das 5 às 19 horas), em relação ao MUFPA, a visita segue o horário comercial, e eventualmente abre ao público à noite, com isso, realizar a interlocução com atores/grupos sociais neste horário.

Nesta comunicação, o recorte do estudo enfoca o patrimônio musealizado e a tessitura das redes sociais urbanas de interlocuções ou conversações, especificamente os processos de musealização do “Palacete Augusto Montenegro”, que culmina com a criação do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) em 1983, e sua implantação no “Palacete Augusto Montenegro” em 1984. Esta edificação outrora abrigou a sede da reitoria da UFPA, e após a construção do Campus Guamá, a reitoria transferiu-se para a nova sede. Na seção 2 apresento a biografia deste patrimônio musealizado, instituído como museu universitário voltado à Arte Contemporânea há aproximadamente dez anos, na gestão da arquiteta Jussara Derenji.

---

<sup>4</sup> A etimologia do termo cronótopo agrega duas palavras gregas: *cronos* = tempo + *topos* = lugar. Mikhail Bakhtin (2011) cria este termo na análise relativa aos gêneros literários, para designar as expressões literárias com base no diálogo entre literatura e história. A linha cronotópica põe em cena (cenário ficcional) personagens e acontecimentos interligados à relação indissociável de tempo e lugar.

Figura 1: Cenários da pesquisa.



Fonte: Britto (2014)

Diante de tais cenários e fluxos, delimitar uma determinada área no bairro de Nazaré (Figura 1), que situa e apresenta os agrupamentos sociais distribuídos espacialmente nas zonas de observação do cotidiano local. Trata-se de uma representação imagética da síntese analítica das dinâmicas em cenas reinventadas. Demarquei graficamente a sinalização das vias, os sinais que direcionam o fluxo das pessoas, de carros, ônibus, de bicicletas, carroças e outros tipos de veículos que comumente trafegam nesta área, além da marcação dos pontos de ônibus, árvores e postes de sustentação da rede elétrica e outros sistemas comunicacionais. No mapa, sinalizei com um círculo cinza as quatro Zonas de Observação (Z-1; Z-2; Z-3; Z-4), pontuando as áreas em que me desloquei durante a observação participante.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

O MUFPA, a primeira zona de observação (Figura 1), apresenta uma vista panorâmica da “esquina”, a marcação da fronteira entre o espaço urbano (calçadas e rua) e o lote que abriga o museu. Do cruzamento da Avenida Governador José Malcher e a Avenida “Generalíssimo”, avistam-se a fachada principal do palacete e o muro com grades de ferro e três portões, sendo um com acesso para a Av. José Malcher e dois com acesso para a Av. Generalíssimo, sendo que um funciona como entrada principal para as pessoas e o outro para acesso de veículos. A segunda zona de observação situa-se na “esquina” da Av. José Malcher com Generalíssimo, demarcada pelo palacete nº 1209. A terceira zona de observação situa-se na “esquina” onde se localiza o Edifício Casablanca, nº 1035. A quarta zona de observação situa-se em frente a este edifício. Do outro lado da rua encontra-se o comércio “O Sol Nasce para Todos”, casa tradicional do bairro, especializada em peças e acessórios para automóveis.

A intenção foi de traçar ou descrever as discontinuidades/continuidades das paisagens do local. Essas formas e conteúdos se processam pelas narrativas das recordações dos usuários, relativas aos usos do espaço social-urbano, tendo como foco o patrimônio musealizado. O mapa da Figura 1 representa graficamente um caleidoscópio de forma que se desfazem num tempo “disperso”, emanado de “numa poeira de instantes heteróclitos” (BACHELARD, 1988, p.75), e que se fixa temporariamente na construção de um “tempo coerente, organizado, consolidado numa duração” (BACHELARD, 1988, p.75).

Este mapa, em parte reapresentado (Figura 1), segue o intuito de associar os itinerários comportamentais das pessoas, situadas espacialmente em determinados locais nas ruas ou entre as “esquinas” do bairro de Nazaré. As diferentes práticas sociais de andar, trabalhar e do lazer foram apreendidas durante os usos do espaço urbano das ruas, a partir dos itinerários ou “enunciações pedestres” (CERTEAU, 1994, p.177), e da observação participante dos grupos sociais urbanos nos locais pré-definidos nas “esquinas”.

Segundo Bachelard (1988), a vida rítmica está “ligada à dialética temporal dos repousos e das ações”. Neste trabalho, descrevo os momentos de começos e recomeços de uma vida rítmica acerca das cenas ou situações nos *loci* moventes das interações sociais vivenciadas. Interpretei o que se reinstitui do “agrupamento ativo e polimorfo dos instantes realizadores” (BACHELARD, 1988, p.45) na duração do tempo de vida presente.

## 2 PALACETE AUGUSTO MONTENEGRO: BIOGRAFIA DO PATRIMÔNIO MUSEALIZADO

A “biografia cultural” das coisas, segundo Igor Kopytoff (2008, p. 89-121), envolve uma trajetória informada culturalmente, no intuito de refletir sobre os tipos de biografias de pessoas e coisas em sociedades simples e complexas. Em suas análises contextuais, o autor orienta como se pode fazer uma analogia entre a forma pela qual as sociedades constituem os indivíduos e a maneira pela qual constroem coisas<sup>5</sup>. Nestes termos, as sociedades ordenam o mundo das coisas e das pessoas simultaneamente e, da mesma forma, constituem objetos e pessoas na mesma estrutura. Seguindo esta direção, observa-se que todas as pessoas têm biografias diversas – pessoal, econômica, familiar, profissional, dentre outras.

No Quadro 1 sintetizo a biografia cultural do “Palacete Montenegro”, relacionando as mudanças de uso ou função daquele espaço arquitetônico ao longo do tempo. Edificado em 1903, para fins de residência e espaço de trabalho do ex-governador do Pará Augusto Montenegro, e posterior residência de famílias abastadas até 1965, quando foi adquirido pela UFPA para abrigar a sede da reitoria. O Museu da UFPA foi criado em 1983, e instalado no Palacete em 1984. Foi tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Secretaria de Cultura do Estado do Pará em 2002, por representar uma das edificações características do início do ecletismo arquitetônico da região.

**Quadro 1 - Biografia sociocultural da Casa-Palacete ao Museu da UFPA**

Períodos	Inscrições	Usos / Funções
1903-1909	1ª	Residencial (Construção; Família de Augusto Montenegro)
1910-1950	1ª	Residencial/famílias ricas (expansão do lote, criação do jardim)
1950-1965	1ª	Residencial/famílias ricas
1965-1984	2ª	Administrativo/sede da reitoria da UFPA
1984-2002	3ª	Museológico/processos museológico de salvaguarda e comunicação
2002-2014	4ª	Memorial e Museológico/tombamento estadual; livro de tombo bens imóveis (DOE, 20/12/2002).

**Fonte: Britto (2014)**

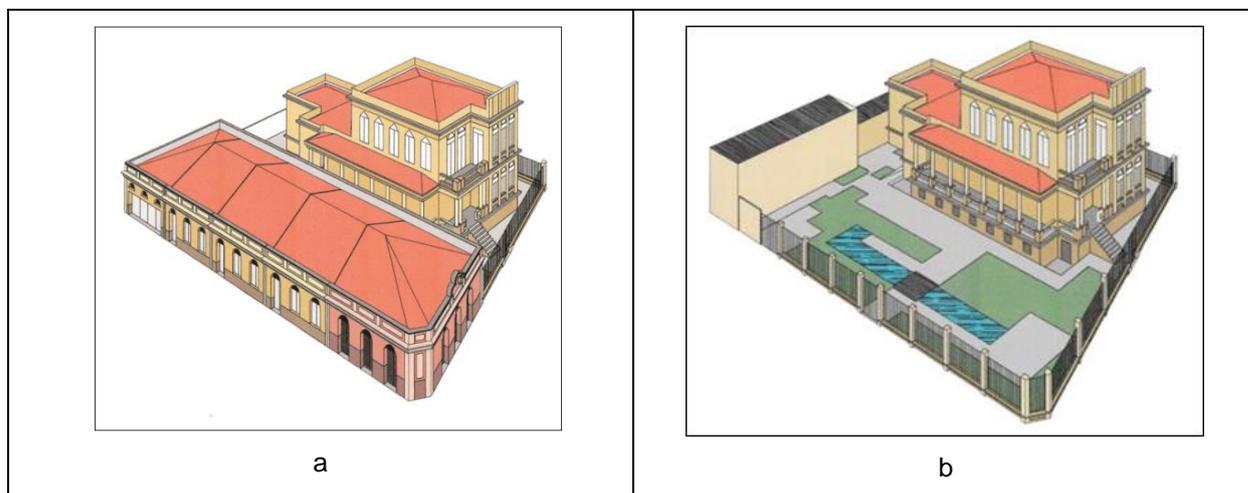
Na Figura 2 a-b, as maquetes sintetizam as mudanças físicas do espaço urbano, visualizando-se a diferença antes e após a aquisição dos lotes entre 1948 e 1950, quando o

---

<sup>5</sup> Na abordagem da relação entre pessoas e coisas, cito o texto de Daniel Miller (2013), que foi discutido nos estudos de Cultura Material entre os tópicos das disciplinas curso de doutorado, em que enfocam os quatro campos da Antropologia: Social, Arqueologia, Bioantropologia e Linguística, dentre outras, destaco a disciplina ministrada pela profa. Marcia Bezerra.

Palacete adquiriu a condição de “esquina”. Na primeira maquete, a residência de Montenegro; na segunda maquete observa-se o jardim de esculturas implantado em 2006.

**Figura 2. Maquetes do palacete no lote: a) Residência Montenegro;  
b) Jardim de escultura implantado em 2006.**



**Fonte: Britto (2014).**

A arquitetura, como obra de arte, está relacionada a um sistema que envolve o contratante/cliente, o produtor e o público. Da interação entre estes elementos surge o produto arquitetônico. No caso da residência do então governador do Pará, construída entre 1903 e 1904, Augusto Montenegro (1867-1915) contratou o arquiteto italiano Filinto Santoro (1878-1927), renomado produtor erudito, com formação especializada para o projeto da casa-palacete, que contou com o mestre de obras italiano Luigi Bisi.

Augusto Montenegro, como os demais representantes da elite econômica e política paraense à época, destacava-se no cenário belenense pela suntuosidade das obras arquitetônicas como forma de projeção política à disposição da classe dominante. Na construção do prédio foram utilizados materiais importados da Itália, que atendiam à tecnologia moderna dos produtos industrializados aliados à concepção arquitetônica para expressar a imagem de progresso, saneamento e beleza, ao mesmo tempo em que havia uma preocupação em adequar a construção e o urbanismo às necessidades regionais, segundo Jussara Derenji (1987, p.147-175).

A locação da residência no lote foi disposta em formato de “L”, e atendia a uma distribuição do prédio no terreno, sendo projetados recuos em todos os lados e o acesso principal pela “São Jerônimo” (atual Avenida Governador José Malcher), conforme exposto na Figura 1. A volumetria da edificação alonga-se conforme as dimensões do lote, com

acabamento das duas fachadas, principal e lateral, foram mais elaboradas. A área livre na parte lateral do terreno para a Avenida Generalíssimo Deodoro era utilizada como garagem.

O estilo da edificação segue o repertório da gramática eclética, uma “linguagem poliestilística” (PATETA, 1987, p.24) que perdurou no século XIX até o último decênio do XX, nas cidades do norte do país, como Manaus e Belém. Segundo o arquiteto Luciano Pateta (1987, p.8-27), o ecletismo representava a cultura arquitetônica da classe burguesa, que dava primazia ao conforto e amava o progresso, as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto. O ecletismo seria o símbolo e a representação arquitetônica das mudanças de comportamento trazidas pela riqueza do ciclo da borracha (DERENJI, 1987) e, dentre outras fontes para repertório estilístico, utilizaria o neoclássico tardio como uma das opções na escolha de estilo.

O “Palacete Montenegro” foi considerado um documento, em que o espaço construído é protagonista da arquitetura. Bruzo Zevi (1978) reporta-se à interpretação da arquitetura, cuja análise do espaço arquitetônico deve incluir todas as realidades de um edifício, ou seja, o conteúdo social, o efeito psicológico e os valores formais que se materializam naquele espaço. Zevi lembra que toda experiência espacial própria da arquitetura prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, “onde quer que a obra do homem haja limitado vazios, isto é, criado espaços fechados” (ZEVI, 1978, p.25). Em termos didáticos há dois espaços: os interiores, definidos pela obra arquitetônica, e os espaços urbanísticos, que estão contidos nesta obra e nas contíguas (ZEVI, 1978).

Na perspectiva do campo museológico, no que se refere aos tipos de representações de museus, o MUFPA é considerado um museu tradicional, por estar relacionando prioritariamente a três elementos: o Edifício (casa-palacete), que é o espaço arquitetônico configurado como cenário museológico; a Coleção, que se refere aos artefatos pesquisados e coletados que estão sob a guarda da instituição; e o Público, os sujeitos-visitantes.

Os dados interpretados me permitiram compreender a vocação ou missão do museu. Esta vocação oscilou entre várias configurações ou tipos de museus que estavam relacionadas ao perfil de formação do gestor, quais sejam: de um museu universitário voltado aos grupos de pesquisas da UFPA ou mesmo aos pesquisadores do próprio museu, e as exposições, como uma abordagem mais antropológica e também ligada às artes visuais; de outra abordagem mais histórica, numa tentativa de alterar totalmente a sua configuração, extinguido a estrutura atual

de museu, criando outro tipo de instituição voltada à memória ou um centro de memória, como foi criado posteriormente o Centro de Memória da Amazônia.

A noção de museu universitário refere-se ao vínculo à universidade e seus desafios para o século XXI, como aponta Boaventura de Sousa Santos (2010, p.111), que será menos hegemônica e sua especificidade define a instituição “que liga o presente ao médio e longo prazo pelos conhecimentos e pela formação que produz e pelo espaço público privilegiado de discussão aberta e crítica que constitui”. Ademais, a atuação de um museu universitário contempla um programa integrado a todo o sistema, devendo ser parte estruturante de uma política universitária abrangente. Scheiner (1992, p.15-19) reporta-se aos museus universitários como uma categoria peculiar no universo dos museus, que visa trabalhar em conjunto com a escola, numa experiência de integração e de complementação. A autora alerta que esses museus não devem se voltar para ações internas, ou seja, não sendo “Museu para a Universidade” e sim “Museus de Universidade”.

Ao compartilhar as reflexões e análises aqui expostas ao debate, além de expandir a discussão desses temas e afins, pretendo contribuir para futuras ações do MUFPA, a partir do acesso aos resultados da pesquisa, o quadro técnico do museu terá subsídios e possibilidade de desenvolver ou os programas específicos para atender o público potencial ou aprimorar as ações socioeducativas que vêm sendo replicadas desde a sua organização.

### **3 REDES SOCIAIS URBANAS DE INTERLOCUÇÕES OU CONVERSAÇÕES**

A noção do termo “conversa”, aqui empregado no sentido lato, associa-se ao verbo conversar, ou seja, o ato de encontrar-se habitualmente num mesmo local, no sentido de viver junto, de frequentar o mesmo ambiente, no intuito de efetuar trocas de palavras, de ideias entre duas pessoas sobre uma temática vaga e às vezes ampla (HOUAISS, 2009). Neste estudo, esta expressão foi associada à noção de dialogismo, como orienta Mikhail Bakhtin (2011), o dialogismo vai além da ideia de um destinatário passivo, que se limita a compreender o locutor (o autor). Nesta situação, o enunciado é o centro de referência dos estudos da linguagem. Bakhtin (2011) explicita a ideia de comunicação dialógica, compreendida como uma relação de alteridade, de intersubjetividade. Segundo o autor, o dialogismo é uma relação específica de sentido e, nela, o diálogo se desenvolve na presença de um terceiro, invisível, dotado de uma compreensão

responsiva, isto é, intersubjetivo, em que o compreender pressupõe tornar-se o terceiro no diálogo (o autor ou locutor, o destinatário e o superdestinatário).

Em outros termos, a ideia de conversação está interligada aos autores pós-modernos da teoria antropológica, a partir das reflexões sobre o antropólogo como autor, exposto na clássica coletânea editada por James Clifford e George Marcus, *Writing Culture* (1986), em que a maioria dos autores liga-se direta ou indiretamente à figura de Clifford Geertz. No geral, os autores propõem uma concepção abrangente da etnografia, uma instância ética para o fazer antropológico, e uma ênfase no discurso em vez do foco na representação do mundo. Conforme a resenha de Wilson Trajano Filho (1986, p.135), “o livro incentiva a experimentação na construção das etnografias, propondo o modelo do diálogo que sempre conduz à explicitação das diversas vozes que falam e do contexto das falas”.

Reporto-me aqui a uma antropologia dialógica. Segundo Johannes Fabian (1990; 2006), neste tipo de abordagem há sempre uma tensão entre “reapresentação e presença” (FABIAN, 1990, p. 753), pois o ofício do antropólogo não se limita em falar a respeito dos outros, implica em “falar com os outros”. Alinho-me à ideia do autor, ao refletir sobre uma antropologia orientada pela linguagem, que se baseia no alicerce de uma intersubjetividade humana. Outro autor, Dennis Tedlock (1985), refere-se à origem grega do termo “dia-logos”, que significa “falando de um lado ao outro” (TEDLOCK, 1985, p.184). Partindo desta premissa, Tedlock (1985) formula sua proposta de uma antropologia do diálogo.

Nestes caminhos de uma etnografia sensível às conversações ou interlocuções numa perspectiva interpretativa, associada à antropologia de grupos urbanos e à antropologia na cidade, estou atenta às tensões da oposição simplificada entre diálogo e monografia, pois, de certa maneira, existe de fato a presença da autoridade do etnógrafo, que se expressa na função de autor, conforme explicitam Roberto Malighetti (2004, p.109-122) e Vicent Crapanzano (1991, p. 59-79). Observa-se que nestas relações de comunicação dialógica, por mais que o etnógrafo almeje suprir o monólogo pelo diálogo, o seu discurso e escolhas das formas de apresentação do texto etnográfico irão permanecer numa dimensão assimétrica (MALIGHETTI, 2004, p.109-122).

Já em relação à ideia do antropólogo como autor, a partir da concepção de Geertz (2009), considero que o antropólogo está na condição de “autor-escritor” (GEERTZ, 2009, p.43), tendo sempre sua presença marcada na intersubjetividade com seus interlocutores,

na escrita do texto etnográfico, na enunciação ou mesmo na estruturação do enunciado narrativo, que poderá ser valorizado como autoridade e a emergência das vozes sociais nas formas das narrativas etnográficas. Sobre a autoridade etnográfica, James Clifford (2008, p.17-58) define os modos da autoridade etnográfica: o experiencial, o interpretativo, o dialógico e o polifônico – que estão disponíveis aos escritores de textos etnográficos.

Neste estudo enfatizo os modos de autoridade dialógica e polifônica e, neste sentido, a escrita etnográfica se apresenta como uma ação, às vezes não controlada e multissubjetiva que, segundo Clifford (2008, p.54), “ganha coerência por atos específicos de leitura”. Assim, as perspectivas pós-modernas da antropologia me permitiram entrecruzar olhares diversos em certa dose de desordem, como aponta Roberto Cardoso de Oliveira (2003, p.91-107), mas guiada por uma perspectiva criativa, a partir de uma concepção ética e também estética, para que pudesse, como iniciante no campo de estudo antropológico, portar-me de forma prudente e rigorosa no exercício do fazer etnográfico.

Explicito a ideia de interlocução e minha função como autora-escritora do texto etnográfico, ao reportar-me à pesquisa de campo pautada na antropologia e na perspectiva museológica, ao encontro do outro na construção de uma museologia crítica e experimental<sup>6</sup>. Nesta concepção, o “estranhamento passa a ser não só a via pela qual se dá o confronto entre diferentes teorias, mas também o meio de autorreflexão”, como indica Mariza Peirano (1990, p.4). Seguindo esta orientação empírica-conceitual, os caminhos metodológicos foram traçados “como a procura incessante do diálogo com o outro”. Em extensão, descrevo os procedimentos para construção das redes sociais urbanas nas interlocuções ou conversações articuladas no decorrer da pesquisa.

Nesta temática dos estudos do cotidiano, na relação entre indivíduos e grupos sociais urbanos ou mesmo entre indivíduo e sociedade, identifiquei os agrupamentos observados na pesquisa como “grupos sociais”. Na visão de Joseph Fichter (1973), o grupo social constitui em “uma coletividade identificável, estruturada, contínua, de pessoas que desempenham papéis recíprocos, seguindo determinadas normas, interesses e valores sociais, para a consecução de objetivos comuns” (FICHTER, 1973, p.140). A noção de “quase grupos” formulada por Adrian

---

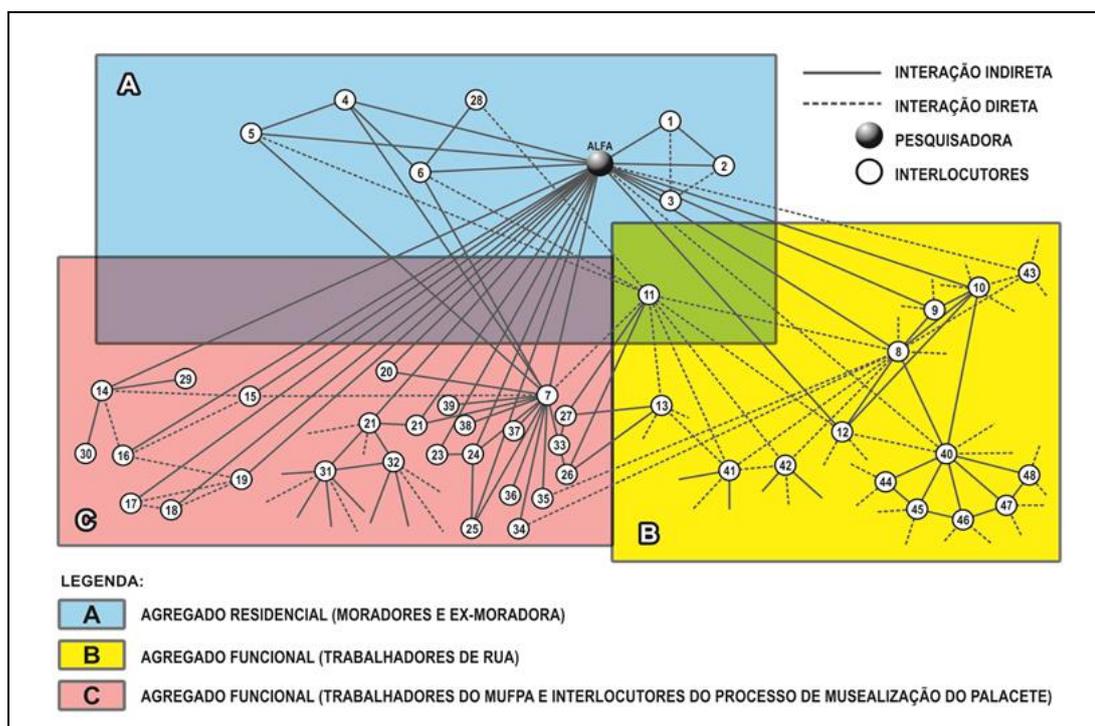
<sup>6</sup> Segundo Bruno Brulon (2017), “pode ser definida como o ramo da Museologia que se desenvolveu internacionalmente depois dos anos 1970, entendendo os museus como processos sociais baseados na experiência humana sobre um dado território ou espaço socialmente construído”.

Mayer (2010, p.139-170) configura-se como um campo de recrutamento de pessoas. Mayer também a noção de “quase grupo interativo”, como um tipo de associação que apresenta certo grau de organização, mas ainda não é considerado um grupo. Já a organização de indivíduos em grupos na forma de redes sociais, John Barnes (2010) afirma que esta noção foi sendo desenvolvida “na antropologia social, tendo em vista a análise e descrição dos processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias sociais” (BARNES, 2010, p.175). Outro termo associado refere-se a “grupo organizado”, definida por Elizabeth Bott (1976), como unidades sociais mais coesas, em que os indivíduos desempenham seus papéis sociais em função de um profissional no âmbito de um processo museológico e de administração do patrimônio cultural sob a responsabilidade da organização, como o caso do MUFPA.

A Figura 3 apresenta as redes de conversações ou interlocuções tecidas no âmbito da pesquisa, as quais dividem as conexões em três agregados, a saber: a) agregado residencial, composto por quatro moradores; b) agregado funcional, formado por trabalhadores de rua, pelo grupo da família “Bandurra”, composta pelo pai, Jerônimo (bombonzeiro), e dois filhos Zeca (sapateiro) e Benedito (vendedor de doces de castanha), e dois “quase grupos interativos”, sendo quatro trabalhadores “licenciados” e nove “não licenciados” – como se autodenominam para diferenciar os que pagam as taxas à prefeitura e os que não legalizados; c) os agregados sociais do tipo funcional, que envolvem o conjunto de trabalhadores do MUFPA, identificados como grupos sociais organizados e “quase grupos interativos”. As redes de conversações são representadas pelo conjunto de pessoas interconectadas, e mostram as interações sociais diretas e indiretas; as linhas contínuas e as tracejadas, que geralmente se entrecruzam, formando uma abstração da realidade concreta da vida social dos agrupamentos humanos. Na Figura 3, os grupos estão sinalizados e associados às suas categorias, que, por vez, está associada à Figura 1, no detalhamento de constituição da rede de conversação ou interlocução do estudo.

As tramas, os interlocutores, e os cenários – os três elementos que configuraram o tecido urbano do bairro – foram apreendidos na relação dos indivíduos e grupos sociais urbanos em suas práticas de sociabilidade nas ruas do bairro de Nazaré e limites com outros bairros, conforme os encadeamentos dos modos de conhecer o passado tangível pela memória, a história e os fragmentos, como sintetiza David Lowenthal (1998).

Figura 3: Redes de Conversação e a aferição de valores



Fonte: Elaboração de Britto, 2014

A percepção do passado lembrado é o resultado de um todo *continuum*. Neste sentido, a memória é multiforme e as lembranças não significam meras reflexões do passado, e sim reconstruções ecléticas, baseadas em maneiras de agir e em percepções posteriores; são códigos que se renovam, por meio dos quais o humano delinea, simboliza e classifica o mundo à sua volta. Neste caminho de estudo, a função da memória “não é preservar o passado, mas sim adaptá-lo, a fim de enriquecer e manipular o presente” (LOWENTHAL, 1998, p.103).

A arquitetura e os museus no espaço urbano são percebidos como patrimônios culturais tangíveis. Segundo Andreas Huyssen (1994, p.46), estes são objetos materiais e simbólicos fundamentais na negociação de uma “sensibilidade compensatória”, em relação à perda da memória, no modo de vida dinâmico contemporâneo da urbe, ao relacionar a arquitetura e os museus como espaços híbridos, bons para pensar, agir, educar, se divertir e comprar nas suas lojinhas, pois estão inseridos em um sistema de “cultural de massa, ou seja, como um espaço de *mise-en-scène* espetaculares” (HUYSSSEN, 1994, p.35). Neste sentido, a arquitetura, de valor histórico e artístico musealizado no meio urbano, pode vir a ser representada pelos “lugares de memória”. Segundo Pierre Nora (1993, p.1-28), são lugares

topográficos ou não, que exercem o papel de mediação dos indivíduos/grupos com seu passado, a partir de seus tempos presentes.

As relações ou interações socioculturais de indivíduos/grupos com o patrimônio cultural musealizado no espaço urbano belenense são um tema instigante, pois o museu e o patrimônio cultural são formas de representação do outro na cidade, conforme Jose Reginaldo Gonçalves (2007). Este autor reitera que os objetos materiais classificados como patrimônio cultural por determinado grupo social desempenham uma função social e simbólica de mediação entre o passado, o presente e o futuro do grupo, assegurando-lhe a continuidade no tempo e sua integridade no espaço. A categoria patrimônio é aqui compreendida como um conceito polissêmico, desde o conjunto de elementos que cada indivíduo entende como pertencente a sua esfera pessoal, até o conjunto de evidências naturais e de produtos do fazer humano, definidores ou valorizadores das identidades de determinados indivíduos e grupos sociais, conforme sugerem as museólogas Tereza Scheiner (2004) e Rosangela Britto (2009).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Alinhando o estudo entre campos do conhecimento da Antropologia ao da Museologia e Patrimônio, abordo a historicidade da casa-palacete e seus diferentes usos e funções, e a relação dos indivíduos e grupos sociais urbanos com a edificação, em que as entrevistas com os interlocutores foram fundamentais para a compreensão dos significados e sentidos do “prédio antigo da esquina”. O primeiro passo foi a demarcação de territórios dos agrupamentos sociais nos espaços das calçadas das ruas, procedendo-se pela delimitação de fronteiras, ora por laços de amizades ou de parentesco, ora por certo respeito ao uso de um determinado espaço pela oferta de um serviço específico, em detrimento a outros, num pequeno fragmento das ruas no mundo urbano do bairro. Num, segundo momento, a identificação dos agrupamentos sociais em cada território, com o intuito de compreender de qual modo às divisões ou fronteiras, são feitas pelos indivíduos/grupos, e como são legitimadas, ou não, pelos variados segmentos sociais. O terceiro passo foi compreender as gramáticas nativas sobre o que significava para os indivíduos/grupos aquele prédio da esquina, e as mudanças e permanências daquele local, no tempo em que estavam ali

realizando os seus saberes e ofícios ou práticas sociais e espaciais. Nesta comunicação não comporta a interlocuções da pesquisa.

Considerando as delimitações de fronteiras (Figura 1), nem sempre visíveis nas ruas do bairro de Nazaré, destaquei a geometria habitada da casa – o “espaço construído” (o interior da arquitetura, que configura a edificação): o muro, que é o limite físico do lote, em contraposição ao espaço aberto, portanto, sem nenhuma edificação, o que nos leva a relações entre polos complementares presentes num *continuum*: espaço aberto e fechado, interno e externo, fora e dentro, assim como os processos de musealização da edificação e de seu acervo e a historicidade do local.

A noção de patrimônio foi construída como uma atribuição de valor dos interlocutores; e a pesquisa empírica foi tecida na observação das ruas e do museu, ao percorrer os “espaços intersticiais”, citando a expressão de Nadel (apud FELDMAN-BIANCO, 2010, p.29), acerca das “relações interpessoais, as interações e as comunicações cotidianas por meio das quais instituições, associações e maquinarias legais operam”, como na fase do trabalho de campo, ao realizar as entrevistas com interlocutores comecei a traçar um “estudo microscópico e detalhado de interstícios sociais e relações interpessoais” (Idem).

Apresentamos neste texto parte dos resultados da pesquisa etnográfica realizada no intuito de expor ao debate a importância dos estudos interdisciplinares e de interpretar as relações dos grupos sociais urbanos com o espaço arquitetônico patrimonializado e musealizado nas cidades da Região Norte, e a relação do Museu da Universidade Federal do Pará com os atores sociais em seu entorno, sejam eles trabalhadores de rua, *habitués* ou moradores. No objetivo da pesquisa de abordar a noção nativa de patrimônio, museu, consegui explicitar que esta noção está relacionada a uma atividade de lazer realizada em família, e socialmente estruturada como a noção de *habitus* (BOURDIEU, 1996). Em síntese: quanto à noção de museu e sobre o patrimônio histórico musealizado, as preferências dos interlocutores estão ligadas à ideia de espaço aberto, de Museu a céu aberto e de áreas verdes ou patrimônio ambiental – e não como a noção de museu identificada para o Rio de Janeiro (CHAGAS, 1987), ou seja, a de que o museu está associado à “ideia de coisa velha e antiga”.

A noção de museu associada à “ideia de coisa velha e antiga” foi suscitada por Moisés (60 anos), da banca de revista, por Bené (50 anos), da banca de doces, e por Hillarina (89 anos). Para estes interlocutores, o patrimônio histórico e os objetos para guarda em museus estão associados a um “passado da nação”, às narrativas do patrimônio como discurso do

monumental (GONÇALVES, 2007). Mas, as noções de “velho” e de “edificação antiga” explicitadas por eles relembram as teorias de valores de Alois Riegl (2006), referendo-se ao valor de antiguidade, que é uma das atribuições dos bens culturais no nível da percepção mais imediata, intuitiva e menos culta.

O aprofundamento da análise das interconexões de indivíduos e grupos com o patrimônio cultural musealizado pauta-se na convergência entre a concepção antropológica, museológica e patrimonial sobre o conjunto das ações e interações socioculturais interpretadas a partir dos *loci* moventes nas situações observadas em campo junto aos atores/grupos sociais em suas práticas culturais espaciais ao caminhar, trabalhar, morar ou mesmo nas atividades educacionais e de lazer com referência aos significados atribuídos aos museus, de mediação com o seu passado recuperar na memória coletiva a partir das experiências presentes com o patrimônio musealizado na cidade de Belém.

#### **REFERÊNCIAS**

- BACHELARD, G. **A dialética da duração**. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 2. ed. Tradução de Antonio de Paula Damesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARNES, J.A. Redes sociais e processos políticos. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos**. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: EDUNESP, 2010. p.171-204.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF; Martins Fontes. 2011.
- BELLAILGUE, M. **O desafio museológico**. Apostila de Estudos T. Scheiner, p.1-7. Tradução de Tereza Scheiner. Paris, 1992.
- BRITTO, R. M. de. **Os usos do espaço urbano das ruas e do patrimônio cultural musealizado na “esquina” da “Jose Malcher” com a “Generalíssimo”**: itinerários de uma antropóloga com uma rede de interlocutores no Bairro de Nazaré (Belém-PA). 2014. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- BOTT, E. **Família e Rede Social**. Tradução de Mário Guerreiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1976
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- BRULON, B. **Verbete**: Museologia Experimental. Site: História da museologia. Disponível em: <<https://historiadamuseologia.blog/conceitos/museologia-experimental/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.
- BRITTO, R. M. de. A Invenção do Patrimônio Histórico Musealizado no Bairro da Cidade Velha de Belém do Pará, 1994-2008. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro. 2009.
- CRAPANZANO, V. Diálogo. Tradução Beatriz Perrone-Moisés, In: **Anuário Antropológico 1988**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: EDUNB. 1991. P. 59-79.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. A categoria de (des) ordem e a pós-modernidade da Antropologia. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (Ed.). **Sobre o Pensamento Antropológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 91-107.
- CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes do Fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CERTEAU, M. de. Andando na cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 23, p. 21-31, 1994.
- CLIFFORD, J. & G. E. MARCUS (Editores). **Writing Culture**. The poetics and politics of ethnography. California: University of California Press. 1986.
- CLIFFORD, J. Sobre a Autoridade Etnográfica, in: **A experiência Etnográfica**: Antropologia e Literatura no século XX. Organizado por J. R. S. Gonçalves, Rio de Janeiro: UFRJ. 2000. pp. 17-58.
- CHAGAS, M. 1987. **Museu**: coisa velha, coisa antiga. Rio de Janeiro: UNIRIO, 90p. Mimeografado.
- DERENJI, J. Arquitetura eclética no Pará: no período correspondente ao ciclo econômico da borracha (1870-1912), In: FABRIS, A. (Org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel; EDUSP. 1987. p.147-175.
- DERENJI, J. Museu como experiência universitária: uma reflexão sobre linguagem dos museus que ocupam prédios históricos. In: MOKARSEL, M. (Org.). **Artes Visuais e suas interfaces**. Belém: Unama. 2008. p. 69-77. (Linguagens: Estudos Interdisciplinares, 5).
- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CLIFFORD, J. Culturas viajantes. In: ARANTES, A. **O espaço da diferença**. São Paulo: Papirus, 2000. p.51-79.
- FABIAN, J. Presence and Representation: the other and Anthropological Writing. **Critical Inquiry**, v. 16, n. 4, p.753-772, 1990.
- FABIAN, J. The other revisited. Critical after thoughts. **Anthropological Theory**, v.16, n.4, p.139-152, 2006.
- FELDMAN-BIANCO, B. Introdução. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**: Métodos. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: EDUNESP, 2010. p. 19-56.
- FICHTER, J. H. **Sociologia**. 3. reimp. São Paulo: EPU, 1973.
- FIRTH, R. **Elementos de organização social**. Tradução Dora Flaksman e Sérgio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em processo**: trajetória da Política Federal de Preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; MINC/IPHAN, 2005.
- GEERTZ, C. **Obras e vidas**: O antropólogo como autor. 3. ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda**: os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 2002.
- GONÇALVES, J. R. In: GONÇALVES, J. R.; NASCIMENTO JÚNIOR, S. J.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios (Museu, Memória e Cidadania). Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- KOPYTOFF, I. A Biografia Cultural das coisas: a mercantilização como processo, In: APPADURAI, A. (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: UFF. 2008. p. 85-121.
- HOUASSIS, A. **Dicionário Houassis da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUYSEN, A. Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa. **Cidade, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, p.35-55,1994.
- LOWENTHAL, D. Como Conhecemos o passado. **Revista Projeto História**, n. 17, p. 63-201, 1981.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

- MALIGHETTI, R. Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos. **Caderno Pós Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, jan./jul. p. 109-122, 2004.
- MAYOL, P. O Bairro. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A Invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. p.37-45.
- MAYER, A. C. A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas**: Métodos. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: EDUNESP, 2010. p. 139-204.
- MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**. Tradução Renata Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.1-28, dez. 1993.
- PEIRANO, M. Onde está Antropologia? Os antropólogos e suas linhagens (a procura de um diálogo com Fábio Wanderley Reis), Brasília: UnB. (**Série Antropologia**, n.1/2). 1990, p. 2-12. Disponível em <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie102empdf.pdf>>. Acesso em 17 dez. 2010.
- PATETA, L. Considerações sobre o ecletismo, In: **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. Organizado por A. Fabris. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1987, p. 8-27.
- RIEGL, A. **O culto moderno dos monumentos**: sua essência e sua gênese. Tradução de Elane Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentini. Goiânia: UCG, 2006.
- SCHUTZ, A. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2012.
- TEDLOCK, D. A Tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica. In: **Anuário Antropológico 1985**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UNB. 1985. p. 183-202.
- TILLEY, C. Objetification. In: TILLEY, C. et al. **Handbook of material culture**. New York: SAGE, 2008. p.60-73.
- TRAJANO FILHO, W. Que barulho é esse, o dos pós-modernos? In: **Anuário Antropológico**. Brasília: UNB; Tempo Brasileiro, 1986. p. 133-150.
- SCHEINER, T. C. M. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v.7, n.1, p.15-30. jan-abr. 2012.
- SCHEINER, T. C. M.. **Museu e Museologia**: definições em processo. Rio de Janeiro: ICOFOM, 2005. p.1-11.
- SCHEINER, T. C.. Museus Universitários: educação e Comunicação. **Ciências em Museus**. N. 4, 1992, p. 15-19.
- SCHEINER, T. C. M. Imagens do 'Não-Lugar': comunicação e os novos patrimônios. 294f. **Tese de Doutorado**. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.
- SANTOS, B. de S. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez. 2010.
- ZEVI, B.** Saber ver a arquitetura. Tradução Maria Isabel Gaspar e Gáetan Martins de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1978.